

## Traduzindo Hannah: aspectos picarescos no cotidiano judaico\*

MIRIAM HALFIN

“Os judeus são os mais mansos dos homens. São inimigos apaixonados da violência. E essa doçura obstinada que eles conservam no meio das perseguições mais atroz, esse senso de justiça e da razão que opõem como sua única defesa a uma sociedade hostil, brutal e injusta, talvez seja a melhor parte da mensagem que nos trazem e a verdadeira marca de sua grandeza”. (Sartre, *Reflexões sobre a Questão Judaica*).

Tudo que o judeu Max Kutner queria era a simples, apagada e humilde vida de sapateiro. “Zeloso pelas madrugadas, Max entretinha a insônia consertando sapatos... E quando lhe perguntavam qual seu maior sonho, respondia: consertar sapatos”. No entanto, o destino reservou-lhe outros planos, enredando-o em vertiginosos e sucessivos acontecimentos complexos, mudando radicalmente os objetivos pacatos do homem que fugira dos horrores da perseguição na Europa para o Brasil.

Em verdade, cada livro que envolve a história de judeus traz – embutido – um pedaço da história da humanidade. Por isso, *Traduzindo Hannah* interessa aos amantes de História (abarca um pedaço importante da História do Brasil) e de Sociologia (retrata, numa pincelada de mestre, a sociedade brasileira dos anos 30); além, por certo, do valor específico que traz para o povo de Moisés, cuja saga inclui milhares de anos de história e de perseguição. O Holocausto de seis milhões de judeus, organizado e administrado por Adolph Hitler e seu governo nazista na Segunda Grande Guerra, deve ser contado e re-contado quantas vezes forem necessárias.

Irene Popow, em seu livro *Adeus, Stalin*, narra suas memórias de criança num país em guerra até emigrar para o Brasil, e ali escreve que sente inveja e admiração ao ler tanto sobre a morte de 6 milhões de judeus durante o nazismo de Hitler. Admiração porque, segundo ela, os judeus não deixam o mundo esquecer as atrocidades que seu povo sofreu, e inveja porque os russos e ucranianos

perderam 30 milhões de conterrâneos e pouco ou nada falam ou escrevem a respeito. Ela ainda pondera que os seis milhões de judeus morreram em tempos de guerra enquanto os russos e ucranianos foram assassinados em tempos de paz. Lembrar e contar sobre seus mortos traduz respeito por sua memória e fala do ensinamento talmúdico, que a obra de Ronaldo Wrobel cita com propriedade, sobre a responsabilidade de um judeu para com o outro.

Ao escrever *Traduzindo Hannah* Ronaldo Wrobel aborda, de maneira eficiente, porém leve e divertida, elementos básicos do judaísmo; e reitera a lição do Talmud, por exemplo, nos personagens participantes do grupo Bnei Israel, que Max vai investigar a mando dos homens de Getúlio. Imitando o ditador, ‘dona Ethel cita o Talmud: *Kol Israel arevim zeh bazeh*. Todo judeu é responsável um pelo outro’. E os ativistas judaicos convocam, então, o sapateiro a espionar também para sua própria gente, como já o fazia para a polícia de Vargas. Afinal, sentenciam: “os *goyim* (gentios) sempre vão inventar motivos para nos perseguir”.

O grande mestre Cyro dos Anjos, acadêmico e autor de obras como ‘O amanuense Belmiro’, demonstrava em suas aulas de Pós-Graduação em Letras da UFRJ que a observação diária da vida era – acredito que continua sendo - o melhor campo onde se buscar inspiração para a literatura. Ouvi suas recomendações. O mesmo aprendizado eu recebi e outros que tiveram aulas com o comediógrafo João Bethencourt, dramaturgo talentoso e generoso. Em seu curso de dramaturgia na SBAT, (Sociedade Brasileira de autores Teatrais), entre 1996 e 1999, presenteava seus pupilos com cultura, além de longa e fértil amizade através dos anos, aí incluindo conselhos e análises críticas de textos criados pelos alunos/amigos.

Depreende-se, dos grandes professores, que apenas se ensina a quem observe com curiosidade e queira realmente aprender. Sobre o ofício da escrita aprende-se, principalmente, que escrever é re-escrever e re-escrever. De novo. Sempre. E que, ao escrever, o autor já tenha o livro dentro de si.

\*RESENHA DO LIVRO: Wrobel, Ronaldo. *Traduzindo Hannah*. Rio de Janeiro, Record, 2010.

“... para escrever o livro essencial, o único verdadeiro, um grande escritor não precisa, no sentido corrente da palavra, inventá-lo, pois existe em cada um de nós; basta traduzi-lo...”

(Proust, *Em busca do Tempo Perdido*).

Ronaldo Wrobel, autor de *Traduzindo Hannah*, obviamente gosta de lidar com gente; assim sendo, observa pessoas todo o tempo, com curiosidade e compaixão pela miséria humana. E quer ir ao fundo de cada uma delas. Para tanto, escancara os olhos para a vida que se move em seu entorno, busca a história existente em cada ser humano, pesquisa minuciosamente seus conflitos e alegrias, analisa tudo que encontra, seleciona os momentos mais representativos, e então, só então, cria. E seus personagens transmitem sinceridade de emoções, sentimentos que parecem tão verdadeiros nas circunstâncias apresentadas no livro. Parecem verdadeiros - e o são - porque o criador conhece suas criaturas profundamente.

*Traduzindo Hannah* tem, por certo, um pouco de cada aspecto antes descrito, pelo que, como não podia deixar de ser, resulta em obra de evidente importância literária. Embora cuide de ficção, como estabelece o autor, o texto tem um pé firme na realidade; parte de verdades e estabelece verdades inegáveis. E é sabido que uma obra que traz uma verdade indiscutível reflete arte, tornando-se leitura obrigatória.

Syd Field ensina que um roteiro tem 10 páginas para se apresentar e capturar o leitor/espectador. Com o romance também se espera que as primeiras páginas sejam decisivas para conquistar o leitor. Se o autor precisa de 50 páginas – às vezes mais - para apresentar seu enredo e captar a curiosidade de quem o lê, dificilmente terá seu livro chegado ao final. Ao contrário da última hipótese, Ronaldo Wrobel captura o leitor já na primeira página, confrontando o pobre Max Kutner com o poderoso ditador brasileiro. Daí para frente, a leitura se faz prazerosa e compulsiva, movida a ‘ganchos’ freqüentes e bem plantados, que remetem a ação ora nesta ora noutra direção.

Fascinados, seus leitores acompanham as aventuras deste simples sapateiro, cujo conhecimento da língua ídiche (dialeto falado entre os judeus askenazim da Europa Oriental) subitamente o transforma em instrumento do governo Vargas contra seus patrícios imigrantes; todos, segundo Getúlio, possíveis ‘subversivos

comunistas’. Como bem ilustra o texto:

“... Creme de leite. Uma receita de borscht, capitão. Uma sopa vermelha.

- Vermelha? Comunista? Pergunta o militar paranóico.”

Arrancado de seu sossego, espancado da harmonia de seu pequeno mundo, é nesta nova e desleal função compulsória que Max Kutner encontrará a mulher objeto de sua eterna obsessão.

Tendo o Rio de Janeiro como cenário principal, o livro passeia pela cidade com elegância e intimidade, levando o leitor a visitar redutos populares da década de 1930, como a Praça Onze, bairro que acolheu muitos judeus pobres imigrantes no começo do século XX. A política de Getúlio Vargas, outro aspecto importante da obra, é delineada com traços fortes pelo autor, que mostra com acerto e de forma transparente os problemas que o ditador e sua polícia, chefiada por Filinto Müller, criavam para os judeus; fazendo uso de um único expediente, a violação de correspondência postal, o texto ilustra - de modo singelo, porém inequívoco - todo o horror de uma vida constantemente vigiada pelo sistema tirano e podre.

“... Nunca, em tempo algum, houve quem iludisse tanto, tantas vezes, ao mesmo tempo...” (Gilberto Amado, *Depois da Política*, XI, referindo-se a Getúlio Vargas).

A criação dos personagens é tarefa cuidadosa e fundamental numa obra, e o autor, nota-se, demonstra conhecer muito bem seu ofício. Os leitores mais velhos sem dúvida identificarão os trejeitos, as atitudes, de cada personalidade apresentada. Os mais jovens - mesmo aqueles que não ouviram relatos de parentes ou de amigos sobre aquela época - se deliciarão com o retrato cheio de malícia e verossimilhança apresentado pelo escritor.

E que dizer de conhecer mais sobre as polacas, jovens mulheres enganadas nas miseráveis aldeias européias e trazidas, a propósito de encontrarem maridos e/ou trabalho, na verdade apenas para serem usadas, abusadas, e abastecer o já bem fornido meretrício no Novo Mundo? Personagens temidas pelas figuras respeitáveis da época, as famosas polacas podiam levar à loucura e à desgraça exemplares homens de família; e permaneceram exóticas e misteriosas para muitos dos amantes, judeus ou não.

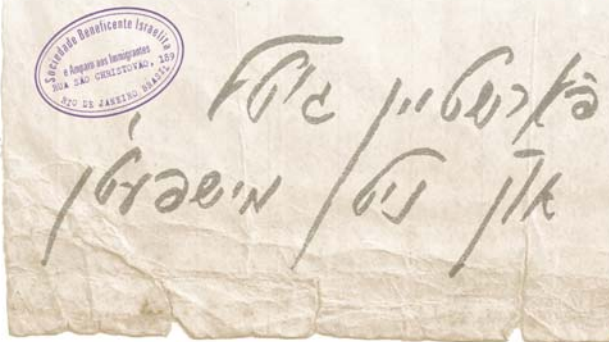
As polacas, com efeito, têm merecido muitos trabalhos acadêmicos, bem como têm sido alvo de



O mundo caminha para a Segunda Guerra. No Brasil, uma revolta comunista acaba de fracassar e o governo Vargas sai à caça de subversivos, controlando os passos de estrangeiros, como os judeus concentrados na Praça Onze, Rio de Janeiro.

Imigrante polonês, Max Kutner é um pacato sapateiro que se vê obrigado a trabalhar na censura postal de Vargas, traduzindo do iídiche para o português as cartas de judeus como ele. O sapateiro procura agir com frieza, mas os dilemas são muitos. Para complicar a situação, ele se apaixona por uma desconhecida a partir das cartas que ela escreve para a irmã distante.

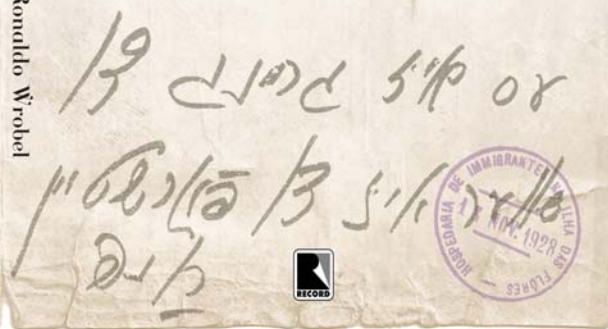
Determinado a encontrá-la, Max descobre mais do que pretendia - inclusive a seu próprio respeito. Traduzir Hannah torna-se um desafio tão grande e incontrolável quanto os sentimentos do sapateiro.



Traduzindo Hannah



Ronaldo Wrobel



Romance

pesquisas literárias que resultaram em livros importantes para todo aquele que deseja conhecer relatos anteriormente guardados em lugares secretos, proibidos aos olhos julgadores de sua comunidade. Especialmente quando os fatos envolviam alguns membros da coletividade judaica que com as infelizes mulheres mantinham relações profissionais, afetivas - ou de sangue.

Cada personagem apresentado no livro é singular, expressa uma visão de mundo, tem seu ponto de vista sobre cada situação, e todos interferem no modo de pensar e agir um do outro. Ronaldo Wrobel, criador exímio, sopra vida nos tipos exóticos que vagavam pela Praça Onze dos idos de 1930. Como não reconhecer o esfarrapado e louco Mendel F., figura presente nas maiores obras da literatura ídiche? E que dizer de cada uma das outras excelentes criações do escritor? No sapateiro Max kutner, o autor sem dúvida encontrou a simplicidade dos judeus imigrantes, que não escolhiam trabalho, aceitando qualquer ocupação, mesmo a mais humilde, que lhes permitisse o sustento mínimo e a paz que buscavam na vida.

“Cada qual tem seu destino  
Quem sabe qual é o meu?  
Por que me expulsam das terras?  
Por que roubam meu trabalho?

Por que desmancham meu ninho?  
Por que não posso parar?  
Toda terra tem seu uso,  
Toda roca tem seu fuso,  
Todo pássaro seu ninho,  
Toda pedra seu lugar. “

(Oliveira Ribeiro Neto, *Canção do Judeu Errante*).

Quanto à Hannah, personagem-título, o autor faz-lhe descrição tão vivaz e intensa que o leitor a enxerga com clareza, pode vê-la caminhar pelos bairros da cidade e, hipnotizado por sua energia, a acompanha em seus passeios e mistérios, sempre com maior curiosidade. Aliás, cada personagem carrega uma dose de segredo, mostrado em diálogos atraentes, coloquiais, verdadeiros, com toques de humor e/ou drama, em descrições precisas, que bem mostram o talento do escritor para a narrativa, e seu apreço por suas criaturas. Quase 20 outras, igualmente interessantes, devem ser deixadas para a descoberta na alegria da leitura.

*Traduzindo Hannah* é um livro permeado de humor, um enredo que mantém o leitor agarrado à folha todo o tempo; uma obra que convida a desvendar a próxima página e depois a seguinte, e mais uma, sempre instigante. A trama, reproduzindo a perspicácia do autor, se desenrola de modo fascinante e pujante todo o tempo. Uma série de peripécias com sexo, mistério, suspense e humor se entrelaça e envolve a leitura com firmeza, lance após lance, até o desenlace.

O Código de Ética do submundo se apresenta, subverte a ordem e traz ensinamentos àquele do mundo 'normal', que, por outro lado, algumas vezes se mostra falho. Nas polacas, lideradas pela surpreendente mulher investigada por Max, encontramos personagens humanizados, o que acontece devido ao traço humanista de Ronaldo Wrobel, que os analisa com comiseração e simpatia, compreendendo-os naquele determinado contexto histórico opressor.

E se concluirá que aquelas mulheres estigmatizadas - como todo e qualquer ser humano, independente de situação social ou econômica - são capazes de errar; mas também de acertar. Assim, Hannah define: "- Respeitável?... Aprendi duas coisas nesta vida. A primeira é que merecer respeito não significa conquistá-lo. A segunda é que conquistar respeito não significa merecê-lo."

O nazismo é mostrado pelo autor de modo claro, obtido através de poucas e precisas pinceladas, bem como a Rússia dos pogroms; estes, como aquele, são partes relevantes da história dos personagens - e também da história dos judeus. O assunto do livro interessa de todos os ângulos possíveis; nele, forma e conteúdo mantêm uma relação recíproca direta, numa abordagem feita de maneira visceral pelo escritor. E os leitores, página após página, mergulham nos personagens, torcem por cada uma das figuras com as quais se depara, ansiosos por conhecer-lhes o futuro, solidários em suas perdas. O livro tem, portanto, qualidades evidentes, que saltam aos olhos desde o início da narrativa; além de possuir todos os elementos necessários e vigor para ser transformado em filme ou em peça teatral. Aliás, esta última adaptação já existe.

Temos, assim, em *Traduzindo Hannah*, uma obra rica, de possibilidades variadas, fruto de um trabalho delicado e cuidadoso de um brilhante e ainda jovem escritor; uma pesquisa séria, longa,

incansável, e de resultado feliz, uma surpresa nas publicações nacionais. Sob o ponto de vista do tema, acerta em cheio o autor. É interessante e atrai o leitor. Se analisados os perfis dos personagens, mais uma vez se destacará a perícia com que são criados e a trajetória que traçam, obrigando o leitor a acompanhá-los, curioso, enfeitado com os conflitos, com as dificuldades a superar e com a permanente tensão.

A estrutura também merece aplausos. Começa e termina com perfeição. Se a abertura do livro já enreda o leitor, é certo que não há página, não há parágrafo, não há sentença ou palavra desperdiçada. Através de suas 266 páginas a curiosidade e o prazer de ler se mantêm; mais do que isto, crescem todo o tempo, até o emocionante clímax do texto. Porque, sem dúvida, se a abertura de um livro é relevante, o final é a primeira coisa que o autor deve saber antes de começar a escrever. E Ronaldo conhece do início ao fim seu ofício de contador de histórias.

O livro, pelo que se expôs, e é incontestável, relaciona-se entre os imprescindíveis. Com efeito, estamos diante de um lançamento da editora Record que, por seu genuíno valor literário e inequívoco prazer de leitura, merece toda nossa admiração e louvor. Aliás, todas as qualidades enumeradas em nosso singelo trabalho encontraram eco nos corações dos jurados do prestigiado Prêmio São Paulo de Literatura e fizeram de *Traduzindo Hannah* um de seus 10 finalistas. Por tudo acima exposto, deve a obra, rapidamente, ganhar espaço sobre a mesa de cabeceira de leitores ávidos por impecável, divertida e instrutiva literatura. Porque, concordará aquele mais obstinado, não é todo dia que obras similares aparecem em nosso cenário literário.